

Editorial

Aceno, 9 (19), jan./abr. 2022

ACENO

A primeira edição da Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste do ano de 2022 está no ar. Nosso carro-chefe desta edição é o dossiê **Patrimônio, diversidade sexual e de gênero e poder**, organizado pelos professores Fabiano Gontijo (UFPA) e Daniel Reis (IPHAN), com a participação de oito artigos que exploram a riqueza e as tensões que se dão na confluência entre os campos que dão nome ao dossiê. Muito provavelmente esta é uma das primeiras obras coletivas no Brasil a explorar as relações entre patrimônio, sexualidade e gênero. Com pesquisas que vêm de diferentes estados de quatro regiões brasileiras, os artigos enfocam as dinâmicas e as tensões em processos de patrimonialização que cruzam teatros, juventudes, concursos de beleza, direitos humanos, nacionalismos e até o Pão de Açúcar, na chave do gênero e da sexualidade.

De acordo com os coordenadores:

Tem-se observado uma crescente produção acadêmica que se debruça sobre as conexões entre os discursos do patrimônio cultural, gênero, diversidade sexual e poder a partir, sobretudo, dos anos 1990. Apesar disso, nota-se um território ainda pouco mapeado por estas áreas de pesquisas – patrimônios, gênero e sexualidade. Percebe-se, no entanto, que as interfaces entre os patrimônios culturais e as questões relativas às expressões de gênero, às experiências da diversidade sexual e às relações de poder apresentam: por um lado, múltiplos mecanismos, dispositivos, tecnologias, instrumentos, estratégias e símbolos das práticas de poder da governamentalidade estatal que agem para manter as coesões morais nas bases das ordens sociais vigentes; e por outro, múltiplos saberes, discursos e práticas de resistência aos efeitos daquelas práticas de poder.

A seção de *Artigos Livres* conta com três trabalhos com instigantes reflexões nos campos da história, mídia e saúde. O primeiro se debruça sobre uma etnia indígena do pantanal mato-grossense e as representações construídas em uma expedição científica do século XIX. *Os Guató pelo olhar de Hercule Florence: historiografia e ensino de história indígena*, de Marco Matos, discute o olhar eurocentrado dessas representações coloniais, ao mesmo tempo em que elas se constituem em importantes documentos históricos que podem renovar o ensino de história indígena, que vem sendo implantado nas escolas públicas nas últimas décadas.

Já o artigo *Do “segredo” ao “nós existimos!”: alguns apontamentos sobre expectativas de gênero em torno das transmasculinidades na mídia brasileira*, de Camilo Braz, traz uma interessante análise etnográfica dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo em que há a celebração de personagens *trans*, contando até com certa delicadeza na construção de suas histórias de vida em telenovelas, parece-se andar mil passos atrás quando se explora com sensacionalismo, em reportagens, a morte de pessoas como Lourival, um homem *trans* que teve seu “segredo” revelado no fim da vida e corria o risco de ser enterrado como mulher. Uma sucessão de transfobias que iam de instituições à própria mídia que não teve a mesma delicadeza da ficção.

Por fim, Mario Ribeiro, no artigo *Geonosografia: a contribuição da ciência geográfica na área da saúde*, realiza uma importante contribuição aos campos da saúde coletiva e da geografia. O autor defende que “conceitos das áreas ambiental e social podem contribuir para a compreensão de doenças” e propõe-se o conceito de Geonosografia como o estudo geográfico de doenças.

Na seção de *Ensaio*, temos o trabalho de docentes e discentes do PPGAS/UFMT, que aproveitam esse espaço para suas experimentações acadêmicas. O trabalho de Leticia Corrêa Gonçalves e Marcos Aurélio da Silva, com o título *A pluralidade feminina no campo da saúde reprodutiva: uma reflexão etnográfica sobre o conflito de saberes na Rede Cegonha*, centra-se num evento paradigmático, acontecido em campo, que ilumina o conflito de conhecimentos implicados no campo da saúde reprodutiva, nas relações entre usuárias e profissionais de saúde.

Finalizando, temos a seção *Resenhas* que conta com um livro que já se tornou um clássico da antropologia contemporânea: *Antropologia, para que serve?*, de Tim Ingold, resenhado por Arantxa Santos.

A Aceno se sente honrada por contribuir no fortalecimento da Antropologia brasileira e agradece a todos os colaboradores que fazem parte deste número.

Boa leitura!

Os Editores